

RASTROS DE LEITORES: TRAÇANDO A HISTÓRIA DA LEITURA EM CORA CORALINA

Maria Ivone Souza MELO¹

RESUMO: Neste artigo, apresentamos, em linhas gerais, o projeto de dissertação que estamos desenvolvendo, no qual retomamos a obra autobiográfica de Cora Coralina, *Vintém de cobre: minhas confissões de Aninha* (1983), para buscar no conteúdo dessa produção relatos de aprendizado e representações do ato de ler na infância que se articule com trajetórias retrospectivas do acesso ao saber ler, desvelar as condições pelas quais essa escritora produziu diferentes formas de ler, identificando seus efeitos. Desta forma, através da historiografia literária voltada para as memórias de leitura, tentar construir uma análise que permita conhecer traços do processo de formação leitora dessa poetiza e escritora.

Palavras-chave: Cora Coralina, leitura, relatos autobiográficos.

RESUME: Cet article présente d'une façon générale le projet de recherche que nous sommes en train de développer où nous prenons l'oeuvre autobiographique de Cora Coralina, *Vintém de cobre: minhas confissões de Aninha* (1983), pour chercher dans son contenu les racontes d'apprentissage et les représentations d'action de lire passés pendant son enfance qu'à la fois s'articulent avec les trajectoires rétrospectives du accès au savoir lire, et aussi découvrir les conditions par lesquelles cet écrivain a produit différentes manières de lecture, identifiant leurs effets. Ainsi, à travers la historiographie littéraire retournée aux mémoires de lecture, essayer construire une analyse pour permettre connaître les traces du processus de formation lectrice de cette poétesse et écrivain.

Mots-clés: Cora Coralina, lecture, racontes autobiographiques.

Os estudos acerca da história das leituras nos últimos anos vêm aumentando muito no Brasil. Na esteira desse aumento de interesse pelos estudos dedicados à história das leituras, os relatos autobiográficos sobre a infância, produzidos em quantidade considerável por escritores brasileiros do século XIX e XX, podem ser considerados fontes de grande valor para o estudo da interação entre os temas Memória, Leitura e Formação de Leitor, no contexto brasileiro desse período.

Na sua obra declaradamente autobiografia, a poetiza Cora Coralina revive a velha escola e agradece com veemência o que esta escola lhe deu e a ela oferece não apenas seus livros e noites festivas, como também o seu nome literário. Apesar dos poucos anos que a autora frequentou a escola, seu reconhecimento e gratidão pela sua única escola e pela sua única mestra são assinalados claramente em seus versos, dando sinais das fortes marcas inscritas na sua memória.

¹ Mestranda do curso de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Estadual da Bahia – UNEB. Bolsista da Fapesb. Orientadora: Verbena Maria Rocha.

A pretensão deste estudo é retomar a produção autobiográfica da escritora brasileira, Cora Coralina, nascida no século XIX, na antiga Villa Boa de Goyaz, hoje cidade de Goiás, e buscar no conteúdo desses registros imagens de leitura na infância e representações do ato de ler que se articulem com trajetórias retrospectivas do acesso ao saber ler, na tentativa de procurar desvelar as condições pelas quais essa escritora se dedicou às formas de leitura e identificar que efeitos foram produzidos, que posições subjetivas ocorreram aí, por que motivos lia o que lia e como aparece o seu discurso referente à prática dos mediadores endereçadas à formação do leitor. Assim, do ponto de vista histórico, busca rever, analisar representações de práticas de leitura no cotidiano e o itinerário do sujeito, no que se refere ao acesso ao ato de ler, através da literatura.

A leitura tem sido foco de estudos e reflexão tanto na área de Letras, como também em áreas afins, como a Pedagogia e Psicologia . Os estudos realizados até então, em sua maioria, dão conta de aspectos relacionados à leitura como uma atividade cognitiva, levando em conta a decodificação, o processamento do texto, a compreensão em leitura. Outro aspecto explorado é a questão histórica do livro e da leitura, trabalhada por Abreu (2008) e Zilberman (2003). Um viés explorado mais recentemente é a questão interdisciplinar, conjugando a leitura com fatores socioculturais e/ou históricos, dentro de uma determinada sociedade, a exemplo das práticas de leitura, como propõe Chartier e dos estudos em Sociologia da Leitura (Poulin, Lahire, Donnat, entre outros).

No Brasil, segundo Zilberman (2003, p. 18), só por volta de 1840 manifestam-se os primeiros vestígios necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora. Foi quando deu-se início a produção e circulação da literatura. Principiava a luta para seduzir o público e consolidar o espaço para o nascimento e crescimento de obras brasileiras. É o momento da iniciação à formação do leitorado brasileiro.

Os estudos acerca da história das leituras nos últimos anos vêm aumentando muito no Brasil, conforme afirma Chartier (2003). Na esteira desse aumento de interesse pelos estudos dedicados à história das leituras, os relatos autobiográficos sobre a infância, produzidos em quantidade considerável por escritores brasileiros do século XIX e XX, podem ser considerados fontes de grande valor para o estudo da interação entre os temas Memória, Leitura e Formação de Leitor, no contexto brasileiro desse período.

Segundo Cavallo e Chartier (1999, p. 7), “Uma história sólida das leituras e dos leitores, deve, portanto, ser a da historicidade dos modos de utilização, de compreensão e de apropriação dos textos”. Dessa maneira, para entendermos certas práticas atuais de leitura é

preciso conhecer a história das leituras e dos leitores, os modos de utilização do escrito, de compreensão e de apropriação dos textos.

No artigo “Cultura, escrita e identidade(s): difíceis contornos”, Miguel Rettenmier (2004) aponta para a visão discriminatória que prevalece no Brasil até os dias atuais, a qual resiste em não reconhecer como leitores aqueles que buscam textos fora do *Índex* de obras consagradas, como se ler sem o rigor disciplinado, fosse não ler. Questionamento semelhante é observado por Márcia Abreu (2001) no artigo “Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura”, no qual afirma que comentários pejorativos a respeito da cultura letrada no nosso país incorporaram-se ao senso comum, sob o refrão de que o brasileiro não lê, sem requerer qualquer comprovação.

Le Goff (1983), já afirmava a necessidade de que os estudos históricos se interessassem pelo homem cotidiano e apontava como indicativo desta tendência o crescente interesse pelo nível dos costumes. Sua orientação sinaliza “a necessidade de desenvolver os métodos de uma história a partir de textos até então desprezados – textos literários ou de arquivos que atestem humildes realidades humanas – os ‘etnotextos’”.

Em seu livro *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*, Cora Coralina confessa: “A maior dificuldade pra mim sempre foi escrever bem./A minha maior angústia foi superar a minha ignorância./ Confesso com humildade essas verdades simples e grandes.” Nessa mesma obra Cora também exalta a memória da sua grande e única mestra, Mestra Silvina, e dedica as páginas desse livro à sua escola primária:

À memória da minha grande mestra, Silvina Ermelinda Xavier de Brito – Mestra Silvina – ofereço este livro.

Ofereço estas páginas à minha escola primária, a única escola da minha vida, minha única mestra, sozinha na sua sala de aula, sozinha no seu ministério, tão pobre que eu quisera exaltar em letras de diamante. Foi por esta única escola de uma grande mestra, cinqüenta anos mais velha do que eu, que cheguei à publicação de meus livros e às minhas seguídas noites de autógrafos. (...)

Foi pela didática paciente da velha mestra que Aninha, a menina boba da casa, obtusa, do banco das mais atrasadas se desencantou em Cora Coralina. (Vintém de Cobre, 1983, p 45.)

Os adjetivos atribuídos a Cora Coralina nos versos desse poema confesso, provocam-me indagações que nos levaram a pensar e levantar a possibilidade de melhor compreendê-las nessa pesquisa de Mestrado. Refletir, por exemplo: Como Cora Coralina, em condições tão adversas, constituiu-se leitora e escritora? Quais seus percursos de leitora? Qual é o lugar da

escola e de outros espaços culturais na formação do gosto e de seu repertório de leituras? Quais as lembranças das leituras escolares dessa escritora?

Diante dessas questões, o desafio estava posto. Consideramos que as muitas respostas aí encontradas podem nos direcionar, ainda que provisoriamente, a encontrar um eixo balizador desse estudo intitulado “Rastros de leitores: traçando a história da leitura em Cora Coralina”. Nesse sentido, pretendemos retomar a obra autobiográfica de Cora Coralina para buscar no traçado dessa produção os relatos de aprendizado, registros de imagens de leitura e representações do ato de ler na infância da poetisa, os quais se articulem com trajetórias do acesso ao saber ler. Dessa forma, é inevitável compreender/desvelar as condições pelas quais essa escritora produziu diferentes modos de ler, por que motivos lia isto ou aquilo e qual o impacto dessas leituras em sua história de vida.

O recorte para esse estudo recai sobre o livro *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* (1983), especificamente na categoria infância, por se tratar de uma obra propícia à investigação autobiográfica, reveladora de práticas de leitura, que recobre nosso interesse, enquanto pesquisadora. Essa obra poética, declaradamente autobiográfica de Cora Coralina, embora seja um tema reiterado em outras de suas produções, registra cenas da infância que retratam o caminho percorrido em busca dos seus primeiros contatos com a leitura.

*Quanto daria por um daqueles velhos bancos onde se sentava,
a cartilha do ‘ABC’ nas minhas mãos de cinco anos, quanto daria
por aqueles velhos livros de Abílio Cezar Borges, Barão de Macaúbas
e aquelas Máximas de Marquês de Maracá, aquela enfadonha taboada
do Trajano, custosa demais para meu entendimento de menina,
mal amada e mal alimentada...*

(Vintém de Cobre, 1983, p 45.)

As autobiografias dos poetas são terras fecundas, pois trabalha com um contra-senso bem rebuscado de adornos, bem barroco; contam-se através da ficção lírica. Emmanuel Freisse (1997), atesta que as autobiografias, os relatos de aprendizado feitos por aprendizes que já alcançaram a maioridade, representam uma fonte preciosa para o estudo sobre representações de leitura.

Na escrita autobiográfica, a infância, categoria social de gênese relativamente nova (Áries, 1981), se constitui atualmente num objeto de interesse de várias disciplinas e a literatura não fica fora desse interesse, seja como criação de dotes de leitura, seja como compromissada em aproximar-se da vivência infantil para dar palavra àquele que ainda não a tem.

Muitas obras autobiográficas trazem representações de leitura que se articulam com imagens de leitura na infância. Elas são, segundo Philippe Lejeune (1985), o “relato retrospectivo em prosa, que uma pessoa real faz de sua própria existência, ao pôr em destaque a sua vida individual, em particular, a história de sua personalidade”. São, portanto, a reconstituição das experiências vividas numa construção “para a leitura”, escritas por pessoas já com uma trajetória de vida, atravessadas pela linguagem e atualizadas pelo sujeito no ato de escrever.

Em *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*, Cora Coralina relata acontecimentos que, na hipótese de uma base autobiográfica do texto, devem ter ocorrido no período que vai do final do século XIX a início do século XX, faz uma espécie de elo entre a tradição do passado em busca de uma identificação futura, como se pode conferir nesses versos:

*Era assim antigamente.
(...)
Tudo de bom e do melhor para os adultos
para as crianças, prato feito, regrado medido.
Coisas boas, guardadas, defendidas no alto dos armários,
fechados a chave e estas despenduradas no cós da saia das que mandavam.
Às vezes emboloravam, jogava-se no cano, rio abaixo.
Mania de gente antiga, esconder das escravas sempre famintas, sua razão
restrita, falta de açúcar, frutas.
Comiam mesmo os embolorados e azedados. Estes eram distribuídos:
“inda serve sinhá” e comiam famintas.*

(Vintém de Cobre, 1983, p 103-104)

Por tratar-se de uma pesquisa de cunho historiográfico e (auto)biográfico, que terá como fonte as memórias escritas do sujeito, e escritas por este numa fase já distante, adulta, vale salientar que as impressões que aí estão impressas são de um sujeito que escreve, sujeito atravessado pela linguagem, pela escrita, pela letra, e da qual iremos resgatar representações de práticas do ato de ler que se articulam com imagens de leitura na infância, no cotidiano da escritora Cora Coralina.

Para abordar os aspectos desse estudo optamos por sistematizar a escrita da dissertação em capítulos. Para abrir a introdução e cada capítulo escolheremos epígrafes recolhidas de poemas, ou partes de poemas de Cora Coralina que representem pontos de vista, momentos vividos pela autora, e que se relacionem com os aspectos abordados em cada capítulo.

Sendo nosso objeto fundado nos princípios da escrita de si, discutir as relações entre memória, literatura e escrita, bem como as questões que envolvem os relatos autobiográficos relacionados à infância é fundamental. Ao se trabalhar com a escrita de vida, surgem questões relacionadas à memória, a existência e ao tempo, uma vez que se trata de um “eu” adulto, que

expõe a sua vida individual, põe a sua história disponível a um público leitor, pois a obra já fora publicada em 1983.

Le Goff (1993), defende a necessidade de que os estudos históricos também se voltem para o homem cotidiano, consequentemente, para a memória.

De acordo com o sociólogo Maurice Halbwachs (2006), a memória é um fenômeno social e defende que a memória individual constitui-se em datas, eventos, marcos históricos e pessoas, que estruturam simultaneamente a memória coletiva as quais são fundamentais na compreensão das narrativas.

O nosso trabalho está pautado no gênero autobiográfico de escrita. Philippe Lejeune (1973), define a autobiografia não como uma forma “fechada”, como exemplo, o soneto ou o conto, mas como uma espécie de acordo entre leitor e autor, um “pacto autobiográfico”, como ele assim o consagrou. Nesse aspecto, Claude Pompougnac (1997), também traz significativas contribuições, pois discute como as representações dos relatos autobiográficos se inscrevem nas práticas sociais de leitura.

No projeto de dissertação que estamos desenvolvendo, intencionamos contextualizar a obra *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha* (1983), sua história de produção, editoração e circulação e a trajetória sócio-familiar da escritora Cora Coralina. Como fonte documental, buscaremos indícios sobre as condições da época relativas à produção da escrita e da leitura e as interdições sociais e históricas, nos estudos teóricos de Abreu (2003) e Zilberman (2003), bem como os estudos sobre a obra de Cora Coralina, produzidos pela Academia.

Na produção de respostas possíveis às perguntas desse estudo, pretendemos buscar pistas e evidências relacionadas à formação da leitora Cora Coralina com base nos enxertos retirados da obra *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha* (1983), em sua infância e seus desdobramentos. Visualizar as questões que ancoram essas categorias abrirá trilhas e perspectivas teórico-metodológicas para melhor entendimento de como a escritora foi constituindo a sua formação leitora. Para contextualizar a categoria infância, buscaremos Ariès (1981) e Del Priore (2008). Importante também recorrer aos fundamentos da psicanálise (Freud (1990; Lacan 1995, 1996) no que se refere à constituição do sujeito.

Cora Coralina, desde muito cedo, demonstrou sua predileção pelas Letras. Lia muitos livros e rascunhava versos, mesmo tendo cursado apenas três anos de escola. Seus primeiros escritos foram publicados no jornal “Paiz”, conforme atesta a escritora nos versos do poema *O longínquo cantar do carro*.

*Minha mãe era assinante do “Paiz” e para nós vinham os romances
do Gabinete Literário de Goiano.*

(....)

Meus primeiros escritinhos foram publicados no suplemento desse jornal.

Acompanhei, na sua leitura, fatos e acontecimentos universais.

O casamento de Afonso XIII com a princesa Betenberg,

neta da rainha Vitória, um atentado anarquista,

uma bomba atirada no cortejo nupcial.

*E mais todo o desenrolar da guerra russo-japonesa no começo deste século,
onde o Japão se revelou potência bélica, vencendo a Rússia.*

(Vintém de Cobre, 1983, p 82.)

O entendimento dos costumes da época vivida pela autora representa dados importantes para o desenvolvimento desse estudo. Para isso abordaremos as idéias que formam o cotidiano do homem, esboçando assim um perfil cultural, pois, segundo Agnes Heller (1989; p.17), “o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade”. O cotidiano das pessoas da cidade de Goiás da época e do campo na fazenda Paraíso é revelado na poesia de Cora, especialmente das mulheres e das crianças.

*Minha bisavó, Mãe Yayá, passava o seu dia sentada
numa antiga mala encourada, e sobre esta estendido um couro de lobo.*

(...)

E meu avô, todos os dias, antes de outra iniciativa,

ia tomar a benção à velha mãe, saber o que lhe faltava.

Ela requeria sempre uma braçada de lenha recortada,

*cavaqueira que ele mandava do engenho de serra, era agasalhado
debaixo da mesa onde lhe serviam as refeições.*

(Vintém de Cobre, 1983, p. 50.)

Cora Coralina também foi contista, contadora de estórias². Nesse estudo discorreremos sobre essa figura responsável pela transmissão do conhecimento acumulado pelas gerações e conservação dos costumes e valores a serem preservados pela comunidade e que, segundo Walter Benjamin (1995), encontra-se em extinção. Nesse ponto recorreremos como subsídio teórico, a Sociologia da Leitura, respaldada pelos estudos de Chartier (1996, 1998, 2001).

No projeto de dissertação que estamos desenvolvendo, reconstruiremos as andanças de Cora Coralina, de sua saída de Goiás, passagem pelas cidades de Jabuticabal, Penápolis, Andradina e capital do estado de São Paulo, até o seu retorno 45 anos depois à sua terra natal, e o seu encontro com a Academia. Nessa reconstrução continuaremos buscando pistas e evidências relacionadas à formação da leitora Cora Coralina. Nesse ponto da pesquisa

² Cora Coralina opta por distinguir os termos estória e história, contariando a regra do dicionário Aurélio, que recomenda o uso da grafia história, tanto no sentido da ciência histórica, quanto na narrativa de ficção.

pretendemos nos valer do acervo pessoal da poetisa disponível no Museu Casa de Cora Coralina, com sede na cidade de Goiás, além de teses e dissertações cedidas pelos seus autores e ou disponíveis no domínio público. Nesse sentido, os estudos de Britto (2009) e Denófrio e Camargo (2006) trazem passagens sobre Cora Coralina que poderiam ficar nas sombras do esquecimento, mas que, nessas obras, retomam seu lugar e representam para esse estudo fontes valiosas.

A nossa pesquisa está bem no começo, por isso, ainda não temos resultados ou análises já concluídas para apresentar.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Diferentes formas de ler**. Disponível em:

<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm> . Acesso em 07 jul. 2008

_____. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, Marildes (org.). **Ler e navegar, espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil, 2001.

_____. **Os caminhos dos livros**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

BOSE, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRITTO, Clóvis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina: raízes de Aninha**. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2009.

CHARTIER, Roger(org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. Mulheres de papel. In: LACERDA, Lilian. **Álbum de leitura: memória de vida, histórias de leitores**. São Paulo: UNESP, 2003.

LEJEUNE, Lejeune. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1985.

CAVALLO, Guglielmo; Chartier, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. v. 1 e 2.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: minhas confissões de Aninha**. Goiânia: UFG, 1983.

FRAISSE, Emmanuel, POMPOUGNAC, Jean-Claude, POULAIN, Martine. **Representações e imagens da leitura**. Trad. Osvaldo Biato; ver. Téc. Maria Thereza Fraga Rocco. São Paulo: Ática, 1997.

LACERDA, Lilian. **Álbum de leitura: memória de vida, histórias de leitores**. São Paulo: UNESP, 2003.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **História e Memória**. Campinas, S.P.: UNICAMP, 2003.

LYONS, Marlyn. “Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, Guglielmo & Chartier, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. v. 2.

RETTENMIER, Miguel. **Cultura, escrita e identidade: difíceis contornos**. In: RETTENMIER, Miguel (org.) **Leitura, identidade e patrimônio cultural**. Passo Fundo: UPF, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 2003.

SOUZA, Edson Luiz de. O inconsciente entre o Escrito e o Escritor. **Psicanálise e Literatura**. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre: Artes e Ofício, n. 15, 1998.